

Especialistas diversos discutem

SOLUÇÕES EMERGENTES PARA A CRISE CLIMÁTICA

Experts in many fields discuss

EMERGING SOLUTIONS FOR THE CLIMATE CRISIS



Por/By: Guilherme Profeta

O texto a seguir é uma publicação da revista bilingue Uniso Ciência, da Universidade de Sorocaba, para fins de divulgação científica.

The following story is part of the bilingual magazine Science @ Uniso, published by the University of Sorocaba, for the purpose of scientific outreach.

*Acesse aqui a edição completa/
Follow the link to access
the full magazine:*



Os eventos TEDx são desdobramentos das famosas conferências **TED** e têm como objetivo reunir palestrantes proeminentes em suas comunidades, para discutir ideias emergentes sobre determinados temas de relevância contemporânea. Mais de 3 mil eventos do tipo TEDx acontecem todos os anos, em 170 países. O TEDxUniso Countdown, uma das atividades que encerrou o desafiador ano de 2021 na Universidade, foi um desses eventos, em que se discutiu soluções para a crise climática. O evento foi totalmente organizado por voluntários, sob a liderança do professor doutor Thiago Simon Marques, do curso de graduação em Ciências Biológicas da Universidade de Sorocaba (Uniso). Para que a discussão possa continuar, seja em aulas voltadas à sustentabilidade ou fora do câmpus, esta edição da revista Uniso Ciência reúne os pontos principais abordados por cada um dos seis palestrantes. **Confira na sequência. Para assistir aos vídeos individuais, siga os links por meio dos QR codes.**

PARA SABER MAIS: TED

TED (cuja sigla, em inglês, significa “Tecnologia, Entretenimento, Design”) é uma organização sem fins lucrativos, com o espírito de promover ideias que merecem ser espalhadas, a qual teve início em 1984 e desde então cresceu para apoiar ideias que mudam o mundo. Por meio da iniciativa TED, pensadores e realizadores de todo o mundo são convidados a dar a melhor palestra de suas vidas em até 18 minutos. Muitas *TED talks* estão disponíveis gratuitamente no site <https://www.ted.com/>.

TO KNOW BETTER: TED

TED (which stands for “Technology, Entertainment, Design”) is a nonprofit organization devoted to promote ideas worth spreading. It began back in 1984, and has been growing ever since, supporting ideas that change the world. Through the TED initiative, thinkers and doers around the world are invited to give the best talks of their lives in 18 minutes or less. Many TED talks are available for free at <https://www.ted.com/>.

TEDx events are offshoots of the famous **TED** conferences, which have as their main goal to invite prominent speakers in their communities to discuss emerging ideas on certain topics of contemporary relevance. More than 3,000 TEDx-type events take place every year in 170 countries. TEDxUniso Countdown, one of the activities organized at Uniso at the end of the challenging year of 2021, was an event of this kind, during which solutions to the climate crisis were discussed. It was entirely organized by volunteers, under the leadership of professor Thiago Simon Marques, a faculty member of Uniso’s undergraduate program in Biological Sciences. To keep the discussion going, whether in classes focused on sustainability or off-campus, this issue of the *Science @ Uniso* magazine gathers the main points addressed by each one of the six speakers. **Check it out in the following pages. To watch the individual videos, follow the links using each of the QR codes.**

REFLORESTAMENTO É SOLUÇÃO PARA DUAS CRISES



O professor doutor **RAFAEL LOYOLA** — biólogo, mestre e doutor em Ecologia; diretor científico da Fundação Brasileira para o Desenvolvimento Sustentável (FBDS); coordenador da Plataforma Brasileira de Biodiversidade e Serviços Ecossistêmicos (BPBES, na sigla em inglês); autor de mais de 200 trabalhos científicos — alerta que, quando o assunto é sustentabilidade, em especial a crise climática, não dá para fingir que não é com você.

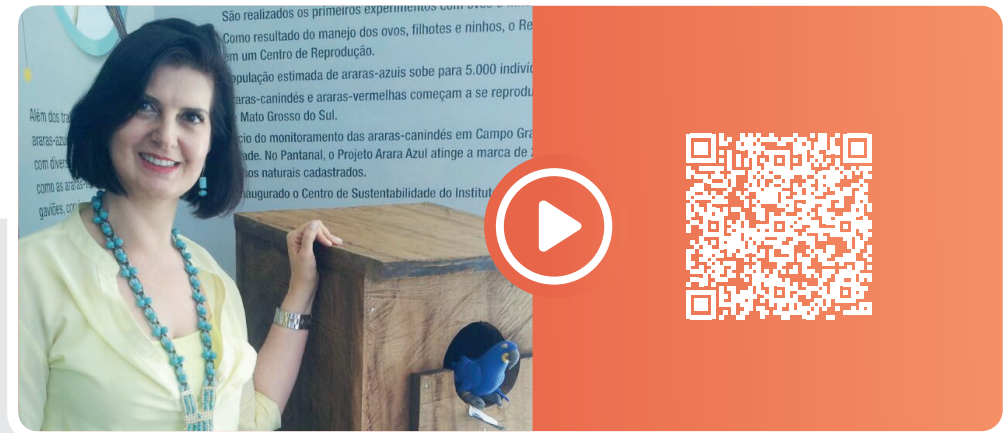
“Das várias crises que nós temos enfrentado, como a sanitária e a econômica, por exemplo, nós temos duas que são fundamentais, e que estão por trás disso tudo: uma crise de biodiversidade e uma crise climática”, ele diz. Para compreendê-las tão bem quanto possível, ele argumenta que obter dados, por meio de pesquisa, é fundamental para monitorar o real impacto de quaisquer tentativas de remediação.

Os dados que ele apresenta foram reunidos pela BPBES: “47% dos ecossistemas mundiais estão alterados e em declínio, uma degradação que vem se acumulando pelo menos nos últimos 200 anos, o que faz com que 1/4 das espécies do mundo estejam ameaçadas. 82% das espécies conhecidas estão diminuindo, o que tem afetado particularmente populações tradicionais indígenas, que já reportaram que 72% dos ecossistemas dos quais elas dependem foram alterados. Hoje, mais ou menos 1,2 bilhões de pessoas dependem diretamente de ecossistemas naturais, que estão degradados (são 2 bilhões de hectares atingidos no mundo inteiro), então, parte da nossa tarefa é recuperar tudo isso. Recuperar 350 milhões de hectares degradados no mundo é uma meta global de grande ambição, traçada internacionalmente.”

Do ponto de vista climático, ele destaca que a grande questão é evitar as catástrofes reais anunciadas caso a temperatura média do planeta ultrapasse o limite de 2°C em comparação àquela da era pré-industrial. Caso isso aconteça — e esse é um cenário bastante plausível (vide as discussões na Conferência da Organização das Nações Unidas sobre Mudança Climática, ou COP26) —, 30% dos locais do planeta vão sofrer com eventos climáticos extremos, inclusive com a falta de alimentos.

A restauração é importante, conforme ele explica, porque ela funciona para ambas as crises: “quando eu restauro o ecossistema, eu consigo trazer a biodiversidade de volta, diminuindo os processos que fazem com que ela desapareça e, por outro lado, eu consigo ajudar a sanar a crise do clima, capturando carbono.”

SUSTENTABILIDADE FINANCEIRA



A bióloga **ELISA MENSE** — que acumula mais de três décadas em gestão de projetos sociais e ambientais e, desde 2014, faz parte da Diretoria Executiva do Instituto Arara Azul (organização sem fins lucrativos voltada à conservação da espécie no Pantanal brasileiro) — chama a atenção para a necessidade de se lembrar da sustentabilidade financeira quando se organiza iniciativas de conservação. Ela conta que sempre se sentiu atraída pelo Pantanal, que é a maior área alagada em todo o mundo, e foi lá que ela conheceu ambientalistas que trabalhavam com muito empenho para salvar suas espécies, especialmente a arara azul. Mas ela percebeu que, apesar da dedicação desses profissionais, nem sempre todos se lembravam de olhar com cuidado para as finanças.

“A sustentabilidade econômica é fundamental para os projetos de pesquisa e conservação, ainda mais quando inexistem recursos governamentais”, ela diz. O projeto Arara Azul, que existe há mais de 30 anos e é reconhecido no mundo todo por cuidar da preservação de uma espécie muito suscetível à extinção, é um caso que serve como modelo, especialmente uma das campanhas realizadas pela organização: o projeto “Adote um Ninho”.

Ela explica que, por meio dessa iniciativa, qualquer pessoa pode contribuir financeiramente e adotar (simbolicamente) filhotes de araras e de outras espécies de aves, podendo acompanhar informações em tempo real sobre o que está acontecendo nos ninhos mantidos com seu dinheiro e até batizar os filhotes que vierem a nascer neles. “O turista vem, acompanha os nossos projetos de conservação, que são apresentados numa linguagem simples, e depois ele leva para sua cidade ou país de origem essa importância de proteger uma espécie como a arara azul, ou outras, para o ecossistema como um todo.” A lição que podemos tirar desse exemplo, segundo ela, é que não necessariamente precisamos depender de governos para obter recursos financeiros. “É muito importante que um projeto gere conhecimento e que esse conhecimento seja levado para diferentes esferas públicas”, ela conclui.

FINANCIAL SUSTAINABILITY

Biologist **ELISA MENSE** has spent more than three decades managing social and environmental projects, and, since 2014, is a member of the Executive Board of Instituto Arara Azul (a nonprofit organization dedicated to the conservation of hyacinth macaws in the Brazilian Pantanal). She draws attention to the need of keeping financial sustainability in mind when

Há uma boa notícia nesse cenário todo? De certa forma, sim: ele destaca que o Brasil tem inúmeros projetos de restauração, tanto na Mata Atlântica quanto na Amazônia, mas adverte que é imperativo acelerar e conferir escala a esse processo, antes que seja tarde demais. Restaurar 12 milhões de hectares, por exemplo, representaria mais de mil espécies saindo da lista de perspectivas de extinção, além de mais de 190 mil empregos rurais gerados pela cadeia da restauração e R\$2,6 trilhões no que diz respeito ao PIB brasileiro, em decorrência da movimentação de produtos e serviços. Ou seja, não é só a natureza que ganha — como se isso já não fosse suficiente —, mas também a economia.

REFORESTATION: ONE SOLUTION TO SOLVE TWO CRISES

Professor **RAFAEL LOYOLA** holds a Bachelor degree in Biology, besides a Master’s degree and also a PhD in Ecology. He is the scientific director of the Brazilian Foundation for Sustainable Development (FBDS, in the Portuguese acronym); the coordinator of the Brazilian Platform for Biodiversity and Ecosystem Services (BPBES); and has written more than 200 scientific papers. He warns that, when it comes to sustainability, especially the climate crisis, one cannot pretend it is not their business.

“Out of the many crises we have been going through, such as health and economic ones, two are fundamental, and are actually behind everything else: a biodiversity crisis, and also a climate crisis,” he says. To comprehend them as well as possible, he argues that obtaining data through research is essential, especially in order to assess the real impact of remediation attempts.

He presents data gathered by the BPBES: “47% of the world’s ecosystems are altered and in decline, a degradation that has been accumulating for at least the last 200 years, which means that 1/4 of the world’s species are threatened. 82% of all known species are declining, which has particularly affected traditional indigenous populations, who have reported that 72% of the ecosystems they depend on have been altered. Today, about 1.2 billion people depend directly on natural ecosystems, which are degraded (2 billion hectares are affected worldwide), so part of our task is to recover all this. Recovering 350 million degraded hectares in the world is a global goal of great ambition, outlined internationally.”

When it comes to climate, he highlights the big deal is avoiding the real catastrophes that are on the way if the average temperature of the planet exceeds the limit of 2°C in comparison to the pre-industrial era. If that does happen—which is a very plausible scenario (given the discussions at the last United Nations Conference on Climate Change, or COP26)—30% of all places on the planet will suffer from extreme weather events, including food shortages.

Restoration is important, according to him, because it works for both crises: “when the ecosystem is restored, it brings biodiversity back, reducing the processes that make it disappear in the first place, and, on the other hand, it also helps to solve the climate crisis by capturing carbon.”

Is there good news in this whole scenario? In a way, yes: he points out that Brazil has plenty restoration projects, both in the Atlantic Forest and in the Amazon, but he also warns that it is imperative to accelerate and scale this process before it is too late. Restoring 12 million hectares, for example, would represent more than a thousand species leaving the list of candidates to extinction, in addition to more than 190,000 rural jobs that would be generated by the restoration chain, and also R\$2.6 trillion (over US\$500 billion) in terms of Brazilian GDP, as an indirect result of the trade of products and services. In other words, it is not only nature that wins—as if that were not enough, as a matter of fact—but also the economy.

organizing conservation initiatives. She says she has always been attracted to the Pantanal, the world's largest flooded grasslands, and it was there that she met environmentalists who worked very hard to save native species, especially the hyacinth macaws. But she realized that, despite the dedication of these professionals, not everyone remembered to take a good look at finances.

“Economic sustainability is fundamental for research and conservation projects, especially when there are no government resources available,” she says. This particular project, aimed at the preservation of hyacinth macaws, has existed for more than 30 years and is recognized around the world for taking care of a species that is very susceptible to extinction. It is a case that serves as benchmarking, especially one of the campaigns organized by the institute, called “*Adote um Ninho*,” which translates to “Adopt a Nest.”

She explains that, through this initiative, anyone can contribute financially, as well as symbolically adopt baby macaws, and other bird species, being sent real-time information about what is happening in the nests that are kept with their money, and even being allowed to name the babies that happen to be born in them. “Tourists come, get to know our conservation projects, which are presented in simple language, and then they take back to their city or country the knowledge on the importance of protecting a species such as the hyacinth macaw, or others, considering the ecosystem as a whole.” The lesson we can learn from this example, she says, is that we do not necessarily need to depend on governments for financial resources. “It is very important that a project generates knowledge, and that this knowledge is taken to different public strata,” she concludes.

MERCADO DE CRÉDITOS DE CARBONO



O especialista em Economia **LUIS FELIPE ADAIME** — fundador do fundo de ações Armadillo Capital Management, mas que deixou o mercado financeiro em 2020 para fundar a MOSS (empresa que opera a intermediação de créditos de carbono com a missão de preservar a Floresta Amazônica) — convida você, leitor, a bater palma cinco vezes. “Por quê?”, você pode estar se perguntando. Porque, durante o tempo que você levou para fazer isso, cinco hectares de florestas foram perdidos em todo o mundo.

“Isso”, ele diz, referindo-se ao desmatamento desmedido, “combinado ao nosso vício por combustíveis fósseis, tem levado a uma elevação absurda dos níveis de gás do efeito estufa. Baixar os níveis de emissões desses gases em mais da metade até 2030 é o maior desafio que a humanidade já teve. Significa diminuir as emissões em 25 bilhões de toneladas, o que equivale a uma bola de gás do tamanho da lua, que nós estamos liberando na atmosfera a cada sete anos. Se não fizermos isso, teremos um cenário de catástrofe completa, e os primeiros sinais disso nós começamos a ver com as enchentes que aconteceram na Alemanha, os incêndios na Califórnia e na Austrália, os incêndios no Pantanal...”

Adaime tem uma filha de dois anos, a Olivia, e ele ressalta que, se nada for feito, tanto a Olivia quanto bilhões de outras crianças viverão num mundo em que as cidades litorâneas estarão debaixo d’água quando elas tiverem passado dos 50 anos de idade. Faltarão comida e as pessoas terão de viver longe das zonas tropicais (a América Latina, a África e o Sudeste Asiático), porque essas regiões estarão inabitáveis.

Como evitar que isso aconteça? Uma das saídas, e a que ele defende, é o mercado de crédito de carbono. “Créditos de carbono”, ele explica, “são certificados digitais que comprovam que uma empresa, por exemplo, evitou por meio de suas atividades a emissão de gás de efeito estufa.” Um parque eólico ou solar, mesmo não retirando CO₂ da atmosfera, gera créditos de carbono ao evitar que outras fontes de energia sejam necessárias (como as usinas termoeletricas movidas a carvão).

“Ao evitar essa poluição”, Adaime continua, “você gera esses certificados digitais e as grandes empresas do mundo compram isso de você. É o caso da Tesla, que certifica o trabalho de evitar emissões por meio da produção de carros elétricos e vende esses créditos para outras empresas do setor (como a Ford e a Volkswagen, por exemplo, que produzem carros a combustão). E por que essas empresas estão comprando isso? Primeiramente porque as grandes economias do mundo são reguladas, ou seja, os seus governos estabelecem um limite e forçam com que as empresas que operam acima desse limite comprem créditos de carbono de empresas que operam abaixo. É assim que funciona nas maiores economias, incluindo a China a partir de 2021.”

Além disso — e isto é muito importante! —, vale lembrar que existem empresas que, mesmo não sendo obrigadas, estão comprando esses créditos (até de projetos de conservação, que também podem ser certificados) porque existe uma exigência por parte dos consumidores e acionistas, principalmente de gerações mais novas, que as pressionam a comprovar suas iniciativas amigáveis em relação ao meio ambiente.

CARBON CREDIT MARKET

Economics specialist **LUIS FELIPE ADAIME** is the founder of the Armadillo Capital Management stock fund, but he quitted the financial market in 2020 to start MOSS (a company aimed at preserving the Amazon Forest by intermediating the trade of carbon credits). He invites you, the reader, to clap your hands five times. “Why?” you may be asking yourself. Because during the time it took you to do that, five hectares of forests were lost all around the world.

“This fact,” he says, referring to rampant deforestation, “combined with our addiction to fossil fuels, has led to a precipitous rise in greenhouse gas levels. Lowering the emission levels of these gases by more than half by 2030 is the biggest challenge humanity has ever faced. It

means cutting emissions by 25 billion tons, which is equivalent to a moon-sized ball of gas which we are releasing into the atmosphere every seven years. If we do not do that, we will have a complete catastrophic scenario, and we are already witnessing the first signs of that: the floods that happened in Germany, the fires in California and Australia, the fires in the Pantanal...”

Adaime has a two-year-old daughter called Olivia, and he points out that if nothing is done, both Olivia and billions of other children will live in a world where coastal cities will be under water when they are about 50 years old. There will be a shortage of food, and people will be forced to live far away from tropical areas (Latin America, Africa, and Southeast Asia), because these regions will be uninhabitable.

How to prevent this from happening? One of the solutions, and the one he defends, is the carbon credit market. “Carbon credits,” he explains, “are digital certificates that prove that a company, for example, has avoided the emission of greenhouse gases through its activities.” Wind or solar power stations, even if they do not remove CO₂ from the atmosphere, still generate carbon credits by preventing other energy sources from being necessary (such as coal-fired power plants).

“By avoiding this pollution,” Adaime goes on, “you generate these digital certificates, and the big companies around the world will buy that from you. This is the case with Tesla, which certifies the avoidance of emissions through the production of electric cars, and then sells these credits to other companies in the sector (such as Ford and Volkswagen, for example, which produce combustion cars). And why are these companies buying it? Firstly, because the world’s major economies are regulated, which means their governments set a limit and force companies that operate above that limit to buy carbon credits from companies that operate below. This is how it works in the biggest economies, including China as of 2021.”

Besides that—and this is very important!—, it is worth remembering that there are companies that, despite not being obliged to do so, still choose to buy these credits (even from conservation projects, which can also be certified), because there is a demand on the part of consumers and shareholders, especially younger generations, that pressure them to prove its environmentally friendly initiatives.

UMA NOVA ECONOMIA



O executivo **TIAGO ANGELO ALVES** — CEO do Brasil na Regus & Spaces (empresa especializada em espaços e designs corporativos) e palestrante sobre temas como economia compartilhada, futuro do trabalho e inovação — chama a atenção para as mudanças nas relações de trabalho causadas, ou aceleradas, pela pandemia de Covid-19, principalmente em relação ao deslocamento.

“Se tem uma coisa que a pandemia e a prática do *home office* mostraram”, ele diz, “foi que não existe mais a necessidade de a gente se deslocar tanto de um lugar para o outro. Uma pessoa acorda todos os dias e tem de mover 1.500 kg de aço movidos a gasolina para deslocar somente 80kg de carne — elas mesmas —, rodando poucos km para pegar um pão na padaria, ou seja, 200g de massa, e depois fazendo todo o trajeto de volta. Isso porque hoje esse é o modal mais utilizado pelas pessoas, um deslocamento ineficiente e que ainda polui o meio ambiente. Pensem se isso faz sentido.” Se a sua resposta for não, provavelmente a próxima pergunta será: como é que tudo isso pode ser feito de um jeito diferente?

O trabalho do futuro (e conseqüentemente a mobilidade do futuro) acontecerá em cidades do futuro e, para explicar o que quer dizer com isso, Alves resgata o conceito de “cidades de 15 minutos”, aquelas em que, hipoteticamente, um cidadão poderá suprir qualquer um de suas necessidades com um deslocamento máximo de 15 minutos.

O que ele defende é que esse tipo de configuração urbana só pode existir dentro de um conceito de economia 4.0, aquela que é galgada em alguns pilares: o compartilhamento de serviços com outros membros da comunidade, o que marca a transição de *consumidores* para *usuários*; o compartilhamento dos benefícios desses serviços, sem deixar de lado o pilar financeiro, uma vez que tais serviços continuam sendo negócios pelos quais as pessoas estarão dispostas a pagar; as mudanças culturais decorrentes dessas novas formas de negócio e, naturalmente, a conseqüente diminuição do uso de recursos naturais.

A NEW ECONOMY

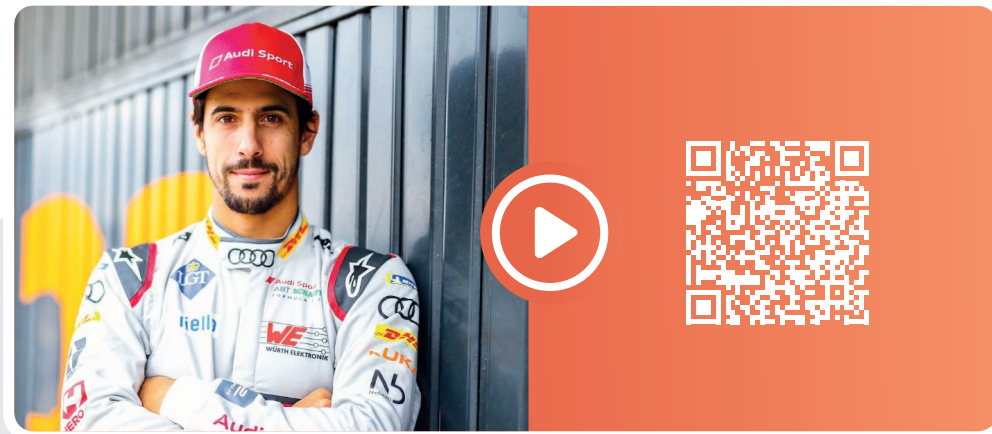
Business executive **TIAGO ANGELO ALVES** is the Brazilian CEO at Regus&Spaces (a company specializing in corporate spaces and designs), and speaker on topics such as the shared economy, future of work, and innovation. He draws attention to the changes in work relationships caused or accelerated by the Covid-19 pandemic, especially when it comes to mobility.

“If there is one thing that the pandemic and the practice of working from home have shown us,” he says, “is that there is no longer a need for us to move from one place to another so much. A person wakes up every day and has to move 1,500 kilograms of gasoline-powered steel in order to actually move only 80 kilograms of matter—their own weight—, driving a few kilometers to get a loaf of bread from the bakery, which represents only 200 grams of dough, and then going all the way back. Today this is the mean of transportation people use the most, and it is inefficient and still pollutes the environment. Just think about whether that makes any sense.” If your answer is no, then the next question will probably be: how can this be done differently?

The work of the future (and consequently the mobility of the future) will take place in cities of the future and, in order to explain what he means by this, Alves recalls the concept of “15-minute cities,” those in which citizens would be able to supply any of their needs after a maximum travel time of 15 minutes.

What he defends is that this type of urban configuration can only exist within a concept of Economy 4.0, one that is based on a few pillars: the sharing of services with other members of the community, which means *consumers* are turned into *users*; the sharing of the benefits that come from these services, without leaving financial aspects aside, since such services are still businesses for which people will be willing to pay; the cultural changes resulting from these new forms of business; and, naturally, the consequent decrease in the use of natural resources.

O FUTURO DA MOBILIDADE É ELÉTRICO



O automobilista brasileiro **LUCAS TUCCI DI GRASSI** — 30º brasileiro a correr na categoria F1, em 2010, e hoje piloto da Fórmula E pela equipe ROKiT Venturi Racing — relembra que, a exemplo de muitos brasileiros, ele tinha Ayrton Senna como ídolo quando era criança. Foi isso que o levou a ser piloto, começando no kart, depois passando para a Fórmula Renault, depois para a F3 (categoria em que foi campeão mundial), depois para a F2 (em que foi vice-campeão mundial) e finalmente para a F1. Depois disso, ele passou a correr com carros híbridos, até 2012, quando teve a oportunidade de participar da criação da FE, que é uma modalidade parecida com a F1, mas com bateria e motores completamente elétricos.

E o que tudo isso tem a ver com sustentabilidade? Ele explica: “O automobilismo sempre serviu a dois propósitos muito importantes: o primeiro, naturalmente, é o entretenimento, mas a corrida também serve como desenvolvimento tecnológico e, na FE, a gente já percebeu desde 2012 que o futuro da mobilidade urbana será elétrico, ou seja, baseado em veículos de emissão zero.”

Ele ressalta que é claro que a transição não vai acontecer do dia para a noite, mas é preciso começar de algum lugar: “Onde é mais eficiente a gente usar veículos elétricos hoje? Onde os veículos são usados de forma mais constante. Seriam carros individuais? Não. A gente tem que fazer primeiro essa transição em veículos que são usados durante muitas horas por dia, veículos de frota comercial: as vans de logística, principalmente nas áreas urbanas, e os ônibus e caminhões.”

Assim, ele defende que os veículos comerciais e públicos devem ser os primeiros a ser substituídos. Não tardará a chegar o dia, no entanto, em que automóveis movidos a combustão serão coisa do passado.

THE FUTURE OF MOBILITY IS ELECTRIC

Brazilian racing driver **LUCAS TUCCI DI GRASSI** is the 30th Brazilian to have raced in the F1 category, back in 2010. Nowadays he is a Formula E driver for the ROKiT Venturi Racing team. He recalls that, like many other Brazilians, he had Ayrton Senna as an idol when he was a child. That was what led him to become a racing driver, moving all the way up from karting to Formula Renault, then to F3 (the category in which he was world champion), then to F2 (in which he was a runner-up), and finally to F1. After that, he started to race with hybrid cars, until 2012, when he had the opportunity to take part in the creation of the FE, which is a modality similar to F1, but with vehicles whose battery and engines are completely electric.

What does all this have to do with sustainability? He explains: “Motor racing has always served two very important purposes: the first, of course, is entertainment, but racing also serves as technological development and, at FE, we have already realized since 2012 that the future of urban mobility will be electric, that is, based on zero-emission vehicles.”

Of course he acknowledges that the transition will not happen overnight, but it is necessary to start somewhere: “What would be the most efficient use for electric vehicles nowadays? In those activities in which vehicles are used more often. Does that mean individual cars? Not really. This transition should happen first for vehicles that are used for many hours a day, like commercial fleet vehicles such as logistics vans, especially in urban areas, as well as buses and trucks.”

Therefore, he argues that commercial and public vehicles should be the first ones to be replaced. However, there will come a day when combustion-powered automobiles will be a thing of the past.

A VIDA NÃO ESTÁ À VENDA



A ativista **PALOMA COSTA** — assessora do Secretário-Geral da Organização das Nações Unidas (ONU) na temática Clima, membro da Coalizão Feminista para Ação Climática da ONU Mulheres e reconhecida pela mídia como uma influenciadora contemporânea quando o assunto envolve questões climáticas — foi uma das brasileiras que esteve na COP26, clamando por aquilo que chama de justiça climática, um conceito que, apesar de não definido, é fácil de ser compreendido na prática; segundo ela: “significa a gente não ter de estar preocupado pela nossa vida estar sendo ceifada diante de nós.”

Sobre os resultados da conferência, ela infelizmente não discorre com empolgação: foram “não-resultados”, diz, especialmente considerando-se que a COP26 aconteceu movida pela urgência das últimas projeções do Painel Intergovernamental sobre Mudanças Climáticas (IPCC), que apontaram cinco cenários possíveis para o clima no planeta Terra até o ano 2100, cenários esses que variavam de “exemplar” (com as emissões de CO₂ zeradas até 2050, o que levaria a um aumento de 1,4°C na temperatura média global) a “catastrófico” (com as emissões dobradas no mesmo período, o que levaria a um aumento de mais de 4°C e a um cenário terrível como aquele que Adaime mencionou).

Em sua fala, Costa referencia *A Queda do Céu* — obra assinada pelo xamã yanomami Davi Kopenawa e pelo etnólogo francês Bruce Albert, que relata a destruição da floresta amazônica e questiona os ideais contemporâneos de desenvolvimento e progresso —, para defender que a vida não é um produto que está à venda. “A gente bem sabe que, se quisermos lutar contra essa ‘queda do céu’, cada um que vem para somar é o que faz com que esse céu continue aí, sobre

as nossas cabeças. Nós não somos líderes de um futuro; na verdade nós somos líderes do agora e esse presente é sim uma máquina de fazer futuros. Nós não podemos ficar esperando mais nada”, ela conclui.

LIFE IS NOT FOR SALE

Activist **PALOMA COSTA** is one of the advisors to the Secretary-General of the United Nations (UN) when it comes to climate, besides being a member of the Feminist Action for Climate Justice of the UN Women, and widely recognized by the media as a contemporary influencer when the subject involves climate issues. She was one of the Brazilian women who attended COP26, claiming what she calls climate justice, a concept that, despite not being totally defined, is quite easy to understand; according to her, “it means that we do not have to be worried that our lives are being brought to an end right before us.”

About the results of the conference, she does not speak with enthusiasm, unfortunately: they were “non-results,” she argues, especially considering that COP26 took place driven by the urgency of the latest projections of the Intergovernmental Panel on Climate Change (IPCC), which pointed out five possible scenarios when it comes to the climate on planet Earth by the year 2100. These scenarios ranged from “exemplary” (with CO₂ emissions totally zeroed by 2050, which would lead to a 1.4°C increase in the average global temperature) to “catastrophic” (with emissions doubling in the same period, which would lead to an increase of more than 4°C, and to a terrible scenario just like the one Adaime mentioned).

In her talk, Costa refers to the book *The Falling Sky: Words of a Yanomami Shaman* (*A Queda do Céu*, in Portuguese)—which is signed by the Yanomami shaman Davi Kopenawa, and the French anthropologist Bruce Albert, and reports the destruction of the Amazon rainforest, thus questioning contemporary ideals of development and progress. She defends that life is not a product for sale. “We know very well that, if we want to ‘stop the sky from falling,’ each one of us who comes to help is precisely what holds the sky up there, over our heads. We are not leaders of the future; in fact we are leaders of the present, and this present is an engine for making new futures. We cannot wait any longer,” she concludes.